

CFESS Manifesta

3º Seminário Nacional de Comunicação CFESS-CRESS

Recife, 4 e 5 de setembro de 2013
Gestão Tempo de Luta e Resistência



linguagem, política e redes sociais

O debate da comunicação no serviço social brasileiro, para algumas pessoas, ainda é novidade, apesar de o tema acompanhar a profissão há mais de duas décadas.

O assunto costuma ganhar repercussão na categoria quando a profissão é representada em algum programa televisivo, como o recente quadro do programa Zorra Total “E você, deseja o que?”, da Rede Globo de Televisão. Ainda assim, em casos como esse, a maior parte das manifestações de assistentes sociais demonstra que o entendimento da categoria acerca do debate precisa ser aprofundado, apontando para a continuidade dos esforços que o Conjunto CFESS-CRESS realiza ao trazer a discussão para o âmbito da comunicação como direito humano, perpassando a luta pela democratização dos meios de comunicação no Brasil.

Então, o que queremos quando nos propomos a debater redes sociais, linguagem e política na comunicação do Conjunto CFESS-CRESS? Se o serviço social está na defesa de uma sociedade justa e igualitária, esta luta, no âmbito da comunicação, deve acontecer em diferentes aspectos e espaços. Seja assumindo a comunicação como direito, seja na utilização de uma linguagem que não reproduza valores discriminatórios disseminados na sociedade capitalista, seja defendendo posicionamentos críticos frente ao conservadorismo da sociedade, o qual se reflete nas redes sociais.

É dessas redes que vamos falar primeiro. Quase todo mundo, hoje em dia, conhece ou participa de alguma rede social. Facebook, Twitter, Orkut são exemplos das mais populares e mais utilizadas mídias sociais no Brasil. A primeira, por exem-

plo, conecta mais de 76 milhões de brasileiros e brasileiras. Além de pessoas, várias instituições públicas e privadas também aderiram a esse tipo de instrumento, para divulgação, comunicação e relacionamento com seus públicos específicos.

É justamente daí que se apresenta um importante elemento do uso das redes sociais: a potencialização de um instrumento-base de comunicação, que passa a ser do conhecimento de quem ainda não sabe, mesmo em caso de desuso ou inutilização de outros canais de relacionamento, como as próprias redes sociais. É o caso do site do CFESS, e provavelmente de muitos CRESS, que passaram a receber mais visitas depois que essas entidades começaram a interagir nas redes sociais.

A entrada do CFESS nas redes sociais, por exemplo, possibilitou estreitar a comunicação com a categoria, com estudantes de serviço social e com a sociedade, além de instituições parceiras. Para se ter uma ideia, há pessoas que acompanham as notícias do Conselho Federal apenas pelo Facebook e pelo Twitter, nos quais são disponibilizados links que direcionam para o site do CFESS, instrumento principal de informação e divulgação do Conselho. Essa é uma informação interessante, já que é fundamental que a instituição tenha um instrumento chave de comunicação.

Temos visto que, para além disso, a internet, graças às redes sociais, se reafirmou como um espaço de mobilização, formação de opinião e de

disputa de poder. Os protestos que se intensificaram no mês de junho em todo o Brasil, durante a Copa das Confederações, foram convocados, várias vezes, nas redes sociais. O constante avanço tecnológico permite hoje que qualquer pessoa com um celular transmita, ao vivo, para o mundo inteiro, uma manifestação ou ato político em tempo real. Afinal, polêmicas de financiamento à parte, mas não é assim que a Mídia Ninja (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação) vem desmascarando o discurso da imprensa tradicional (ou a velha mídia), ao denunciar a violência policial nas recentes manifestações que se espalharam pelo Brasil? Ao mostrar aquilo que não interessa à imprensa clássica e às classes dominantes?

Para muita gente, ter um perfil no Facebook pode ser um mero passatempo, mas a verdade é que o tempo todo em que a pessoa está ali, “navegando”, ela é bombardeada por diferentes discursos. E quando o assunto é serviço social, a coisa não é diferente.

Os enfrentamentos que o Conjunto CFESS-CRESS faz diariamente nesses espaços

são inúmeros. Batalhas contra um conservadorismo que vem, muitas vezes, da própria categoria. Basta analisarmos os comentários das matérias compartilhadas no Facebook. Quando o tema é criança e adolescente, aparecem diversas falas defendendo arduamente a redução da maioridade penal. Se o assunto é descriminalização e legalização do aborto, recebemos uma avalanche de comentários “sustentados” pelo fundamentalismo religioso. Isso sem contar, às vezes, os discursos ofensivos e discriminatórios às instituições e, principalmente, à população usuária do serviço social. Ou seja, tem profissional ferindo o Código de Ética e assumindo isso publicamente nos seus discursos!

A disputa de hegemonia que vemos nas redes sociais acontece dentro da sociedade e da própria profissão, e expressa a defesa de diferentes projetos societários e profissionais. Se a Política Nacional de Comunicação do Conjunto CFESS-CRESS aponta para a utilização da comunicação como fortalecimento dos movimentos sociais e da classe trabalhadora na perspectiva crítica e emancipatória, como denúncia, dando visibilidade às expressões da “questão social”, e como instrumento de sustentação e defesa dos posicionamentos do Conjunto CFESS-CRESS, é tarefa essencial nossa ocupar estes espaços. E não estamos falando só de Facebook, que sempre é importante lembrar que se trata de uma empresa privada, mas de canais colaborativos e interativos que a internet oferece.

Mas para ocupar estes espaços de maneira efetiva, é preciso debater qual a linguagem mais adequada para isso. Este é outro grande desafio que se coloca ao Conjunto CFESS-CRESS.

Note-se que utilizamos a palavra “ocupar”, e não “invadir”. Aprendemos isso com o movimento de trabalhadores e trabalhadoras sem terra (MST) que, criminalizado pela grande mídia, é acusado constantemente de “invadir” terras. Atente-se aos diferentes pesos que as duas palavras carregam. Este é o teor político que o debate da linguagem aborda.

E precisamos disputar este território. Linguagem é poder. A utilização de uma linguagem não discriminatória se torna quase uma obrigatoriedade para uma profissão que luta por direitos humanos. Evitar o uso de palavras que carregam teor preconceituoso pode contribuir

para tornar a língua portuguesa menos discriminatória, racista, sexista etc. E além do mais, com esta atitude, marcamos nosso posicionamento político contrário à violência que sujeitos sofrem diariamente pela linguagem.

Esse teor político do debate da linguagem costuma esbarrar num de outro âmbito, o da técnica. Se hoje a comunicação é dinâmica e imediata, nosso texto deve ser claro, objetivo, informal e mais próximo do cotidiano, para que seja entendido pelo maior número de pessoas. Mas nem sempre um texto com uma linguagem não discriminatória pode ser a alternativa mais adequada para o público de interesse. Um dia desses, recebemos um manifesto de um movimento social em que todas as palavras que tinham flexão de gênero tiveram as vogais substituídas pela letra “X”. Algo do tipo: “Xs trabalhadorxs estão insatisfeitxs”. O que você pensa sobre isso?

O exemplo demonstra o desafio que temos neste campo. Como utilizar uma linguagem não discriminatória, mas que seja entendida de maneira eficaz pelo nosso público, que é amplo, já que nos comunicamos com a categoria, com a sociedade, com a mídia? Estamos vivenciando algumas alternativas e vemos que é possível fazer esta mediação. O Conjunto tem experimentado diferentes possibilidades, como mostra a recente pesquisa de comunicação do Conjunto CFESS-CRESS.

Poderíamos continuar destrinchando estes temas, mas vamos deixar isso para o Seminário de Comunicação do Conjunto CFESS-CRESS que, em 2013, chegou à terceira edição. A realização do evento mostra que o Conjunto CFESS-CRESS está acumulando importantes debates na área de comunicação. E o mais relevante: está disposto a ampliá-los no serviço social brasileiro. Seja por meio de outros seminários, de reportagens sobre o tema, ou pela tarefa permanente de avaliar e atualizar a Política de Comunicação do Conjunto.

Parafraseando o nome da atual gestão do CFESS, em tempo de luta e resistência, devemos continuar participando e envolvendo a categoria nas ações e articulações em defesa do direito à comunicação. Precisamos também seguir ampliando, juntamente com os CRESS, em nossas páginas virtuais e redes sociais, a divulgação e a

EVITAR O USO DE PALAVRAS QUE CARREGAM TEOR PRECONCEITUOSO PODE CONTRIBUIR PARA TORNAR A LÍNGUA PORTUGUESA MENOS DISCRIMINATORIA, RACISTA, SEXISTA ETC. E ALÉM DO MAIS, COM ESTA ATITUDE, MARCAMOS NOSSO POSICIONAMENTO POLÍTICO CONTRÁRIO À VIOLÊNCIA QUE SUJEITOS SOFREM DIARIAMENTE PELA LINGUAGEM.

produção de notícias que estimulem o debate sobre a democratização da comunicação. O serviço social deve assumir, como outras profissões e entidades, um protagonismo nessa luta.

O debate sobre a utilização de uma linguagem não discriminatória deve fazer parte da nossa agenda permanente. Afinal, precisamos fortalecer a batalha contra a gramática machista, racista e heteronormativa.

E, obviamente, não deixaremos de ocupar os espaços para manifestarmos nossos posicionamentos críticos acerca dos programas televisivos discriminatórios, que violem direitos e estigmatizem os seres humanos.

Cabe ainda, neste manifesto, destacarmos algumas ações que, de alguma maneira, contribuem para a materialização da nossa Política de Comunicação: a reformulação do site do CFESS, com ampliação dos recursos de acessibilidade, a inserção nas redes sociais e a adesão à Campanha Para expressar a liberdade, que luta pela aprovação de um projeto de lei sobre a regulação das comunicações no Brasil. Isso tudo demonstra nosso interesse pelo tema da democratização da comunicação.

A categoria de assistentes sociais, desde sempre, está convidada a fazer parte desta discussão. As comissões de comunicação dos CRESS estão abertas para isso. Quanto mais sujeitos forem incorporados a esta luta, menores as chances de reciclarmos reportagens como “Fulana ou cirano não são assistentes sociais”. Afinal, que serviço social você quer ver representado nos meios de comunicação?



SCS Quadra 2, Bloco C,
Edf. Serra Dourada,
Salas 312-318
CEP: 70300-902
Brasília - DF
Fone: (61) 3223.1652
Fax: (61) 3223.2420
cfess@cfess.org.br

Gestão Tempo de Luta e Resistência (2011-2014)

PRESIDENTE Sâmya Rodrigues Ramos (RN)

VICE-PRESIDENTE Marinete Cordeiro Moreira (RJ)

1ª SEC. Raimunda Nonata Carlos Ferreira (DF)

2ª SECRETÁRIA Esther Luíza de Souza Lemos (PR)

1ª TESOUREIRA Juliana Iglesias Melim (ES)

2ª TESOUREIRA Maria Elisa Dos Santos Braga (SP)

CONSELHO FISCAL

Kátia Regina Madeira (SC)

Marylúcia Mesquita (CE)

Rosa Lúcia Prêdes Trindade (AL)

SUPLENTES

Heleni Duarte Dantas de Ávila (BA)

Maurílio Castro de Matos (RJ)

Marlene Merisse (SP)

Alessandra Ribeiro de Souza (MG)

Alcinélia Moreira De Sousa (AC)

Ervã Garcia Velasco - Tuca (MT)

Marcelo Sitcovsky Santos Pereira (PB)

CFESS MANIFESTA

3º Seminário Nacional de Comunicação CFESS-CRESS

Conteúdo (aprovado pela diretoria):

Assessoria e Comissão de Comunicação do CFESS

Assessoria de comunicação:

Diogo Adjuto - JP/DF 7823

Rafael Werkema - JP/MG 11732

Revisão: Diogo Adjuto

Ilustrações e diagramação: Rafael Werkema